

QUEIXA ESCOLAR E INTERSECCIONALIDADE: APROXIMAÇÕES

XXIII Encontro da ABRAPSO Minas - Psicologia Social Crítica e interseccionalidade: violências, resistências e perspectivas, 23ª edição, de 20/04/2023 a 22/04/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-029-8

SILVA; Renato Batista da ¹, SOUZA; Marilene Proença Rebello de ²

RESUMO

Propõe-se uma aproximação do tema das queixas escolares com a interseccionalidade, como ferramenta analítica, com vistas a aprimorar a fundamentação para atuação de profissionais de psicologia no campo educacional. Esta discussão deriva de uma pesquisa de doutorado em andamento intitulada “Queixa escolar: Um estudo histórico-crítico das apropriações no campo da Psicologia Escolar e Educacional”. A interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta analítica dos processos sociais que evidencia as interrelações e complexidades dos marcadores da diferença que atravessam a vida cotidiana humana, e como estes afetam de forma unificada as relações de poder na sociedade. Os primeiros usos da expressão “queixa escolar” podem ser localizados no campo da saúde, no final do século XX alinhados à compreensão de que sujeitos que apresentavam comportamentos “desviantes” e/ou performance escolar “insuficiente” deveriam ser encaminhados para atendimento especializado por profissionais da saúde, e materializava a compreensão ideológica dominante no campo da Psicologia Escolar e Educacional no Brasil. Este paradigma de atuação começou a ser questionado a partir da década de 1980 por um movimento crítico na área, a partir do qual foram produzidos novos conceitos (representações) e práticas para a atuação da/do psicóloga/o escolar, dentre os quais, uma apropriação do termo “queixa escolar”, emprestado da área da saúde e transformado, a partir da perspectiva crítica em uma categoria teórico-prática no campo. Nesta acepção, queixa escolar tem se constituído como um conceito que, ao se opor a outros como “distúrbios de aprendizagem”, “transtornos cognitivos”, e “problemas de comportamento”, propõe que este fenômeno tem como centro o processo de escolarização (e não o sujeito individual) e emerge da rede de relações da escola. Desse modo, é pautada uma prática em Psicologia Escolar e Educacional focada em problematizar a individualização, medicalização e patologização dos processos escolares, em um trabalho junto a toda a rede de relações, com vistas a movimentá-la rumo à superação da queixa. Este compromisso teórico-prático possibilitou avanços significativos na elaboração teórica no campo e na atuação de psicólogas/os ao receber alunas/os encaminhados por escolas para atendimento psicológico. Aparecem, entretanto, algumas limitações analíticas nesta categoria dada a ênfase em problematizar a individualização das questões escolares. De fato, é necessário considerar que há uma rede complexa de relações sociais envolvidas na produção da queixa, mas isto não pode deixar de lado o modo como os marcadores sociais atravessam o sujeito “de quem se queixa”. A interseccionalidade destaca que diferentes atravessamentos de gênero, raça, funcionalidade, orientação sexual, classe, dentre outros, compõem uma complexa trama relacionada aos processos de exclusão-inclusão, invisibilidade-visibilidade e fracasso-sucesso escolar. Deste modo, propõe-se, nesta reflexão teórica, que considerar a interseccionalidade no estudo e atuação junto a queixas escolares pode colaborar para evidenciar este aspecto, dos atravessamentos interseccionais, que parece ter sido negligenciado ao

¹ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, renatobatista@usp.br

² UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, mprdsouz@usp.br

longo da consolidação do conceito de queixa.

PALAVRAS-CHAVE: Queixa escolar, Interseccionalidade, Psicologia Escolar e Educacional